

INDÚSTRIA DE CARNE BUSCA FÔLEGO NO MILHO HERMANO

Pelo menos 20 pequenas e médias indústrias gaúchas de carnes de frango e suína irão se unir para começar a importar milho da Argentina. Em reunião hoje na Associação Gaúcha de Avicultura (Asgav), as empresas deverão encaminhar os primeiros embarques do cereal produzido no país vizinho. A medida será tomada pela dificuldade para comprar milho no mercado interno, onde o preço aumentou mais de 60% nos últimos seis meses.

– O produtor brasileiro está nos forçando a abrir um canal de comercialização que poderá

não fechar tão cedo – disse o presidente da Asgav, Nestor Freiberger.

O dirigente refere-se a um suposto movimento especulatório em cima do produto, com o agricultor segurando o grão à espera de alta ainda maior. Na semana passada, o preço máximo da saca de milho paga ao produtor no Estado, segundo a Emater, alcançou o pico de R\$ 52. Para as indústrias, soma-se ainda o preço do frete, no mínimo R\$ 2 por saca.

Pelo milho argentino, as empresas calculam pagar R\$ 46 a saca, já incluindo o frete. Há 15 dias, a BRF e a JBS anunciaram a importação

do produto para aliviar a pressão de custos.

Em reunião na sexta-feira, em Caxias do Sul, indústrias de aves encaminharam as primeiras tratativas para a importação, que deverão ser concluída hoje, juntamente com o setor de suínos. Em 2016, os dois segmentos irão consumir cerca de 6 milhões de toneladas.

As empresas esperam fechar a primeira compra, de pelo menos 30 mil toneladas, e receber o produto até o final de abril.

– Não podemos mais esperar, o preço não para de subir, as contas não estão fechando mais – reclama Freiberger.

Os embarques do país vizinho poderão ganhar força se o governo federal isentar o PIS/Cofins das importações de milho. O pedido formal foi feito na semana passada ao Ministério da Fazenda pela ministra da Agricultura, Kátia Abreu. A intenção é de uma isenção temporária para o período de escassez do produto – de abril a maio.

– A oneração de carga tributária é muito importante para reduzir os custos em um momento delicado para o setor – avalia Rogério Kerber, diretor-executivo do Sindicato das Indústrias de Produtos Suínos do Estado (Sips).

UMA PROPRIEDADE RURAL DE SANTA CRUZ DO SUL FOI INTERDITADA PELO USO DE DEFENSIVO AGRÍCOLA PROIBIDO PARA LAVOURAS DE ARROZ IRRIGADAS. FISCALIS AGROPECUÁRIOS E AMBIENTAIS ENCONTRARAM NO LOCAL EMBALAGENS E CONSTATARAM O USO DE MERTIN 400, CONSIDERADO PREJUDICIAL AO AMBIENTE PELO ALTO RISCO DE CONTAMINAÇÃO DE MANANCIAS HÍDRICAS.



MASSEY FERGUSON, DIVULGAÇÃO

NO RADAR

A 21ª edição da Feira Nacional da Soja (Fenasoja) será lançada hoje, ao meio-dia, no Galpão Crioulo do Palácio Piratini. A feira será realizada de 29 de abril a 8 de maio, em Santa Rosa, cidade considerada berço nacional da soja.

As exportações brasileiras de frango, considerando todos os produtos (in natura, salgados, embutidos e processados), chegaram a

403,4 mil

toneladas em março, volume 15,6% superior ao obtido no mesmo mês de 2015, conforme a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA).



Leia outras colunas em
zerohora.com/giseleleblein



MARCHER BRASIL, DIVULGAÇÃO

LAVOURA SIMULADA

Em uma bancada de testes que simula colheitadeiras em operação no campo, a fábrica da AGCO, em Santa Rosa, passará a utilizar tecnologia semelhante à da indústria automobilística. A instalação dos equipamentos deverá ser concluída no segundo semestre do ano com investimento de US\$ 3 milhões. A mesma tecnologia é utilizada hoje na unidade americana da multinacional, em Hesston, nos Estados Unidos (foto acima).

– Esses testes complementam os produtos lançados recentemente, garantindo a eficiência das máquinas em períodos de colheita cada vez mais curtos – explica Roberto Lopes, diretor de operações da unidade da AGCO em Santa Rosa, que produz colheitadeiras das marcas Massey Ferguson e Valtra.

Com o investimento tecnológico, a fabricante agrícola espera aumentar o share no mercado brasileiro de colheitadeiras, hoje em torno de 15% e 16%.

Para conseguir segurar a soja na lavoura depois da colheita, à espera de uma alta de preço, os produtores gaúchos passaram a usar mais silos bolsas – sacos gigantes de plástico para estoque de grãos. O uso dessas estruturas temporárias é bem comum nos Estados do Centro-Oeste e do Mato-piba, onde o déficit de armazenagem agrícola é bem maior.

Fabricante de embolsadora e extratora de grãos, equipamentos usados para encher e esvaziar as bolsas, a empresa Marcher Brasil percebeu o crescimento da procura no Rio Grande do Sul. Os negócios aumentaram em torno de 30%, na comparação com a safra anterior.

SILO BOLSA PARA RETARDAR VENDA

– O mercado cresce conforme o momento, as compras são feitas em cima da hora. Agora, por exemplo, o produtor quer segurar a soja, e o silo bolsa é a alternativa mais imediata – diz Leticia

Rechden, diretora geral da Marcher Brasil, com sede em Gravataí e uma das líderes do segmento no país.

O investimento para o produtor gira em torno de R\$ 100 mil, somando a embolsadora e a extratora de grãos, que custam em média R\$ 90 mil e tem uma vida útil superior a 10 anos. As bolsas gigantes só podem ser usadas uma vez e custam em média R\$ 1,8 mil. Cada uma consegue armazenar 180 toneladas. Estima-se que existam cerca de 70 mil silos bolsas em uso no país.

PARADA DE 45 DIAS

Ao mesmo tempo em que investirá em tecnologia para avançar no mercado brasileiro, em um período de retração nas vendas, a AGCO dará 45 dias de férias coletivas aos 580 funcionários em Santa Rosa – de 18 de maio a 4 de julho. A empresa informou que o recesso é um procedimento normal adotado nessa época, quando a procura por colheitadeira costuma diminuir. Segundo o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Santa Rosa, João Roque dos Santos, esta é a primeira vez que a indústria irá parar por 45 dias neste período do ano.

– O normal são 30 dias. A empresa está tentando evitar demissões, garantindo mão de obra especializada – avalia Santos, acrescentando que a parada irá refletir nas mais de 20 sistemistas instaladas na região.

CORTES NA AGRICULTURA

A presidente Dilma Rousseff eliminou 220 cargos em comissão e funções de confiança no Ministério da Agricultura, pasta comandada pela dissidente peemedebista e sua aliada contra o processo de impeachment, Kátia Abreu. Em meio ao ajuste, foi extinta a Secretaria do Produtor Rural e Cooperativismo, cadeira que era ocupada por Caio Rocha, peemedebista gaúcho que pediu demissão na semana passada por determinação do partido.

A secretaria da Pesca é uma das mais afetadas: de 312 cargos de confiança, passará a ter apenas 87, um corte de 72,12%. A secretaria, que já foi ministério e recentemente foi absorvida pela Agricultura após escândalos de corrupção, tinha 27 superintendências.